



9º Simposio de Ensino de Graduação

A CONTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DA CRIANÇA DIANTE DO FRACASSO ESCOLAR

Autor(es)

PRISCILA TEIXEIRA RIBEIRO

Orientador(es)

MARIA TERESA DONDELLI PAULILLO DAL POGGETTO

1. Introdução

O psicólogo escolar, ao se defrontar com uma queixa de fracasso escolar, tem o papel de descentralizar a atenção sobre o aluno como sendo a única fonte de dificuldades escolares. É importante uma visão global do fenômeno, considerando todos os seus aspectos, permitindo que, coletivamente, se encontrem formas de enfrentá-lo.

Para Machado (1997), o fracasso escolar é o responsável pela maioria dos atendimentos psicológicos com crianças em idade escolar chegando até a 90% nas unidades de saúde pública. Pesquisas e trabalhos de intervenção realizados pela autora alertam quanto à perigosa tendência de tornar natural aquilo que é historicamente constituído, reforçando a idéia de que o indivíduo é malsucedido devido a questões unicamente individuais.

Segundo ela, as idéias de “anormalidade”, “doença” e “carência” dominam a formulação das queixas escolares referentes às crianças que são encaminhadas para avaliação psicológica. O psicólogo, não deve legitimar os rótulos atribuídos pela escola às crianças encaminhadas para a avaliação, deve, ao contrário, trabalhar para enfraquecer os mitos que têm justificado as dificuldades pelas quais elas têm sido responsabilizadas.

O foco do diagnóstico psicológico deve deixar de ser a criança considerada problema, antes, é preciso observar a rede de relações onde a queixa escolar é produzida. Portanto, os procedimentos para coletar dados que levem à compreensão do fracasso acadêmico, precisam ser focados nessa rede de relações: a família, condições sociais e culturais, os professores e o sistema de ensino. Assim, o fracasso escolar pode ser visto como um fenômeno multideterminado, produzido pela “rede de relações” da criança.

De acordo com Palangana (1994), Vygotsky identifica dois níveis de desenvolvimento, um real, que se refere àquilo que a criança já é capaz de fazer por si própria, e outro potencial, ou seja, aquele onde a criança consegue realizar atividades apenas com a ajuda de um adulto ou pares com mais conhecimento. É nessa troca com o outro que a criança internaliza conhecimentos. Desse modo, é preciso adequar os métodos de ensino às necessidades da criança que apresenta quadro de fracasso escolar, proporcionando-lhe as mediações condizentes com suas necessidades.

É importante também considerar que segundo Berger e Luckmann (1973), a família atua como socializadora primária da criança. É neste meio que a criança começa a entender o mundo e a si própria através do olhar de seus outros significativos. Quando a família não oferece à criança as mediações necessárias ela não avança em seus conhecimentos, não atingindo assim o seu desenvolvimento próximo e, por não conseguir executar atividades propostas, pode ser vista e se ver como incapaz. A escola, por sua vez é responsável pela socialização secundária da criança, para onde esta traz a visão que tem de si própria, devido à experiência que teve em seu processo de socialização primária. A escola, muitas vezes, acata esta visão de incapacidade que a criança tem de si mesma, e continua tratando-a desta maneira. Assim, uma criança que traz de casa uma visão negativa sobre sua capacidade e percebe que esta situação se mantém na escola, acaba por acreditar que não é capaz de aprender.

Na verdade, esta suposta incapacidade nada tem a ver com a real condição de desenvolvimento intelectual da criança. Por isso, quando o psicólogo analisa um quadro de fracasso escolar, é fundamental que levante dados sobre o contexto onde a queixa escolar foi produzida, devendo ser este o seu foco diagnóstico.

Assim, intervir sobre a queixa escolar também requer planejamento, sobretudo para oferecer à criança as mediações necessárias e suficientes para o seu sucesso acadêmico.

2. Objetivos

Identificar os fatores presentes na queixa escolar que contribuem para a sua produção, além de intervir sobre o fenômeno, com visitas a equacionar as situações-problema identificadas.

3. Desenvolvimento

Método

Situação / Participante

O trabalho foi desenvolvido em uma escola estadual na cidade de Santa Bárbara D'Oeste. A queixa escolar refere-se ao baixo desempenho acadêmico do aluno V. 9 anos, matriculado na 3ª série do ensino fundamental, que apresenta dificuldades de leitura, produção de texto e raciocínio lógico-matemático.

Material

Nos trabalhos foram utilizados: papel sulfite, lápis preto, lápis de cor, borracha, gravador, textos para leitura, atividades matemáticas e jogos..

Procedimento para compreensão da queixa

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com os professores da sala regular, da aula de artes, de educação física e reforço em português. As entrevistas tiveram duração média de 20 minutos cada.

Foram feitas 5 observações do aluno nas aulas de Língua Portuguesa, Matemática. Educação Física, Artes e Reforço em Português.

Procedimento para intervir sobre a queixa no 2º Semestre Letivo de 2009

O trabalho foi realizado em dois semestres, iniciando-se no 2º semestre letivo de 2009 e no 1º semestre letivo de 2010.

Com a Professora:

Foram realizados 8 encontros com duração média de 10 minutos. O objetivo era informá-la professora sobre o trabalho desenvolvido com o aluno, saber sobre seu progresso em sala de aula e orientá-la.

O primeiro passo foi construir um vínculo de confiabilidade entre a professora e a pessoa responsável pela intervenção para que a docente se envolvesse de forma positiva.

Com o Aluno:

Foram realizados 12 encontros individuais, sendo duas vezes por semana com duração média de 1 hora e 30 minutos cada. O principal objetivo era ajudá-lo a ter confiança para realizar sozinho as atividades que lhe seriam propostas.

Nos quatro primeiros encontros, foram utilizados jogos como Bingo, Cara-a-Cara, Jogo do Palito e da Memória bem como atividades de seqüenciar uma estória e operações matemáticas.

Foi pedido à professora que desse ao aluno uma leitura fácil para que fizesse em sala. Após insistência da professora, V., pela primeira vez leu para a sala e foi muito bem sucedido. Os colegas, após ouvi-lo, aplaudiram-no muito. A profª ficou muito satisfeita com o resultado. Relatou que percebeu a expectativa dos colegas e dela própria em ver o resultado de dois anos de trabalho individual com V. Disse também que devia à V. essa oportunidade de perceber o quanto era capaz. Segundo ela, foi um fator extremamente motivacional para a continuação de seu trabalho, encerrou o relato agradecendo pela oportunidade de viver um momento tão especial. Após o ocorrido, V. foi muito elogiado e incentivado tanto pela coordenadora pedagógica quanto pela estagiária que desenvolvia o trabalho.

A cada nova atividade era dito ao aluno: “V. explicarei a você a próxima atividade, mas se você não entender, é porque eu não lhe expliquei direito. Se você não entender, me diga para que possa explicar-lhe melhor”.

No último encontro, V. chegou dizendo que já sabia no que iria trabalhar quando crescesse, disse que trabalharia com crianças. Então lhe foi perguntado se queria ser professor, e ele, imediatamente disse que não, que queria ser psicólogo. Disse que gostaria de ajudar as crianças a se descobrirem inteligentes da mesma forma que aconteceu com ele. Antes de encerrar os trabalhos, foi pedido ao aluno que descrevesse como era sua vida na escola antes e como ficou depois das atividades realizadas. O texto escrito por V. não teve interferência.

Procedimento para intervir sobre a queixa no 1º Semestre Letivo de 2010

Com a Família de V.:

Com o objetivo de continuar a intervenção no semestre seguinte, durante as férias, a bisavó do aluno com quem ele morava foi procurada. Buscou-se entender um pouco mais a história do aluno. A entrevista não dirigida durou cerca de 40 minutos. A bisavó relatou que percebeu aumento do interesse da criança pelos estudos. Relatou que o menino começou a ler tudo o que encontrava, pedindo a um adulto a confirmação sobre o texto lido. Falou ainda sobre a ansiedade do menino em retomar os trabalhos.

Houve uma tentativa de intervenção junto à mãe da criança com o objetivo de instruí-la sobre como poderia ajudá-lo na realização das tarefas que ele deveria fazer em casa. Foram realizados 2 encontros de 50 minutos cada. Na ocasião, relatou não ter paciência para ajudar o filho, mas demonstrou desejo de saber como fazê-lo. Com autorização da escola, iniciou-se um trabalho de orientação à mãe de V. em suas dependências, porém ela compareceu em apenas dois encontros, deixando de participar sem dar explicações.

Com a Professora:

No semestre seguinte, o aluno matriculado na 4ª série do ensino fundamental já tinha uma nova professora, fato que dificultou a continuação do trabalho realizado anteriormente, pois a maneira como a docente via o problema do aluno dificultava sua colaboração. Ela o considerava fraco e desinteressado. Com ela realizaram-se 4 encontros com duração média de 20 minutos cada. O objetivo era obter informações sobre o desempenho de V. bem como apresentar a ela os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos com o aluno.

Com o Aluno:

Foram realizados 12 encontros, sendo duas vezes por semana com duração média de 1 hora cada.

O trabalho nesta etapa foi focado em leitura e produção de texto. As atividades matemáticas eram desenvolvidas em menor quantidade e na maioria das vezes no final do encontro, utilizando-se do Jogo do Palito, sempre a pedido do aluno que, após o jogo efetuava as equações matemáticas de adição e multiplicação precisando de ajudas eventuais.

4. Resultado e Discussão

No início dos trabalhos do 2º semestre letivo de 2009, a professora da sala regular relatou que o aluno não fazia as atividades propostas para casa pois precisava de ajuda e em sua família não havia ninguém capacitado ou disposto a ajudá-lo. O aluno era tão dependente de ajuda que sua carteira era encostada à mesa da professora.

Nos encontros individuais, o aluno procurava participar de todas as atividades propostas e chegava sempre muito animado porém demonstrava insegurança para realizar as atividades propostas.

Durante os primeiros encontros apresentava dificuldade em ler palavras inteiras, lia sílaba por sílaba sem conseguir montar uma palavra. Na produção de textos, apresentava dificuldades na construção de algumas palavras, às vezes juntando palavras, às vezes separando sílabas de uma mesma palavra. Em matemática, reconhecia os números escritos, mas quando falados apresentava dificuldades em diferenciá-los. Apresentava também dificuldades em somar números com mais de um dígito.

O aluno sempre demonstrou interesse pelos jogos e atividades propostas principalmente pelo Jogo do Palito, então, através deste jogo trabalhou-se equações matemáticas como soma e multiplicação. Ao final de cada atividade o aluno era elogiado por seu desempenho. Esta intervenção tinha o objetivo de ajudá-lo a ter autoconfiança.

Após algumas semanas, o aluno fez uma leitura em sala e foi muito bem sucedido, o que foi muito importante para que se sentisse capaz de começar a trabalhar sozinho.

Ao longo do semestre V. tornou-se independente para a realização de diversas atividades. Por iniciativa própria, separou sua carteira da mesa da professora, alegando já ter condições de fazer suas lições sozinho.

Os trabalhos permitiram-no descobrir sua capacidade para realização de tarefas o que lhe deu grande confiança em si mesmo. Os encontros com a professora foram significativos para que ela avaliasse o que V. já fazia sem mediação, para quais atividades necessitava de sua assistência e quais mediações seriam mais adequadas para ajudá-lo.

No 1º semestre letivo de 2010, seu desenvolvimento se deu de maneira mais lenta. Outra professora assumiu a sala regular, o que dificultou a continuação dos trabalhos no mesmo ritmo. Foi apresentado à ela sua importância na vida acadêmica de V. e as dificuldades enfrentadas por ele, contudo, o comprometimento e a ajuda oferecidos por ela não foram muito motivadoras para o aluno. No primeiro encontro com o aluno, ele chegou animado porém um pouco tímido, mas logo começou a interagir normalmente.

Seu desempenho em leitura começou a melhorar. Isso ocorreu porque tanto a mãe quanto a bisavó do menino receberam a orientação de que todos os dias a criança deveria fazer uma leitura em voz alta ainda que fosse de um pequeno texto. As instruções foram seguidas e rapidamente pôde-se observar a evolução da criança na realização de leituras. O aluno demonstrou também evolução na leitura de letra cursiva.

O trabalho não foi encerrado conforme planejado, pois o aluno, antes do final do semestre letivo mudou-se para outra cidade.

5. Considerações Finais

O objetivo do trabalho foi ajudar o aluno a se tornar mais independente da professora e mais confiante em sua capacidade.

Conforme relato da professora e do próprio aluno o objetivo foi atingido, pois ao longo do primeiro semestre de trabalho V. tornou-se independente da professora na realização de suas atividades.

No semestre seguinte houve pequena evolução em comparação ao semestre anterior. Observa-se aqui que a postura da professora diante de um aluno com quadro de fracasso escolar pode ser decisivo para o sucesso de uma intervenção psicológica.

Para o desenvolvimento do trabalho, uma das bases teóricas foi sobre o papel do psicólogo educacional. Em seu texto sobre este tema Freller (2004) diz que o psicólogo escolar deve atuar como um agente de mudança. Não é papel do psicólogo escolar receber a queixa

da escola e concordar com ela de imediato, é preciso que avalie todos os aspectos envolvidos na queixa para que possa detectar o verdadeiro problema, podendo assim criar ações efetivas para a resolução da queixa.

Ao final dos trabalhos, foi entregue à escola um relatório com todas as atividades desenvolvidas com o aluno e todos os resultados obtidos.

Referências Bibliográficas

- BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas (1973). A sociedade como realidade in A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis. Editora Vozes.
- FRELLER, C.C. (2004). Crianças portadoras de queixa escolar: reflexões sobre o atendimento psicológico. In: Machado, A.M.; Souza, M.P.R. De (Org.) Psicologia Escolar: em busca de novos rumos. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- MACHADO, A.M. (1997). Avaliação de Fracasso: a produção coletiva da queixa escola. In: Aquino G. Erro e fracasso na escola. Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo. Summus Editorial.
- PALANGANA, I.C. (1994). Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky (A Relevância do Social). São Paulo, Plexus.
- VYGOTSKY, L.S. (1998). A Formação Social da Mente. Martins Fontes.